

# matar o presidente sam bourne

Tradução de Susana Clara



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

*Para a minha irmã Dani: engraçada, carinhosa e sempre  
uma boa companhia. Mãe dedicada aos seus filhos, a sua  
determinação não tem limites. Este livro é para ela,  
com todo o meu amor fraternal.*



## C A P Í T U L O 1

*Alexandria, Virgínia, segunda-feira, 03:20*

Começou na noite em que o Presidente tentou provocar o fim do mundo. Robert Kassian tomou conhecimento disso quando o seu telefone começou a vibrar na mesa de cabeceira. Ele acordou sobressaltado, o coração aos pulos. Demorou um segundo para perceber de onde vinha o som, perguntou-se se não teria sonhado. Esticou a mão para a mesa de cabeceira, tateando para fazer parar as vibrações. Era uma tarefa urgente, a sua mulher tinha o sono leve e se acordasse já não conseguiria adormecer novamente.

Só então percebeu que não se tratava de um alarme mas de uma chamada. Compreendeu duas coisas ao mesmo tempo, eram 03:20 e a chamada tinha origem na central telefónica da Casa Branca.

— Sr. Kassian?

— Sim — sussurrou ele, afastando o edredão e dirigindo-se à casa de banho com o telefone apertado contra a orelha. Mal tinha aberto os olhos.

— Por favor, aguarde enquanto transfiro a chamada para a Sala de Crise.

Estava então a acontecer. A chamada das três da manhã de que toda a gente falava em Washington. Ele era chefe de gabinete apenas há quatro meses e esta era a primeira chamada do género. Sem dúvida que tinha havido crises durante a noite — muitas mesmo — e reuniões urgentes logo ao amanhecer. O ritmo tinha sido implacável e ininterrupto desde a tomada de posse em janeiro. Na semana passada tinha-se intensificado.

Mas uma chamada de emergência genuína a meio da noite? Esta era primeira vez.

Um par de estalidos e a chamada foi transferida. Ouviu a agitação instantaneamente; o som de batidas. Uma voz surgiu na linha. Uma mulher, jovem e nervosa.

— Sr. Kassian. Fala a tenente Mary Rajak. Temos um problema, senhor. Penso que é melhor vir para cá imediatamente.

Naquele instante conseguia ouvir alguém a gritar. Perguntou-se se aquela mulher teria sido feita refém. Talvez a Casa Branca estivesse a ser atacada. Pestanejou vigorosamente, o seu cérebro começava agora a funcionar.

— Que género de problema?

Kassian tinha a certeza de que a mulher tinha baixado a voz.

— Envolva o Presidente.

Jesus Cristo. O Presidente teria sido feito refém? Como é que alguém...

— O que é que aconteceu?

— Por favor, senhor. Venha.

— Estou a caminho. Mas pode... — calou-se. Podia ouvir alguém a gritar. Um homem. Parecia que a voz dele vinha do quarto ao lado.

— Aguarde um momento, senhor.

Ele calculou que ela estivesse a tapar o bocal.

— Sim, estou a falar com o Sr. Kassian neste momento. Ele está a caminho.

No momento que se seguiu conseguiu ouvir claramente. Era inconfundível. Não havia ninguém no planeta que não fosse capaz de o reconhecer. Nos últimos dois anos, aquela voz fora ouvida todos os dias, pelo menos uma vez, quer fosse num noticiário quer num vídeo que se tinha tornado viral, por vezes a ridicularizar um adversário ou a provocar um protestante num comício, por vezes a ser imitado por um comediante na televisão ou por uma criança precoce no recreio da escola. Mas ninguém tinha ouvido aquela voz assim, a berrar de raiva — verdadeira, não fingida. *Saiam da minha frente. Eu sou o vosso Comandante Supremo, porra, e isto é uma ordem.*

Enquanto ouvia, Kassian foi buscar uma camisa e o primeiro fato que a sua mão conseguiu encontrar.

— Mas que raio é que se passa aí, tenente?

— É difícil explicar por telefone, senhor.

— Esta é uma linha segura.

— Acho que não temos muito tempo, senhor. — A voz dela estava trémula.

— Em poucas palavras, tenente.

Ela falou num tom de voz baixo, como se tivesse receio de estar a ser ouvida.

— Coreia do Norte, senhor. O Presidente quer ordenar um ataque nuclear.

— Raios me partam.

— Sim, senhor.

— Mas aconteceu alguma coisa? Há algum ataque iminente aos Estados Unidos?

— Não, senhor.

— Então, o que...

— Uma declaração, senhor. De Pyongyang.

— Uma quê?

— Por favor, senhor. É muito urgente.

— Uma declaração? Está a dizer-me que isto é por causa de alguma coisa que *eles* disseram?

— Está correto, senhor.

— OK. OK. O que é que ele está a fazer agora?

— Está a exigir que o ponham em contacto com a Sala de Guerra do Pentágono, senhor.

Kassian sentiu o estômago a contrair-se. Ele tivera mais de sessenta reuniões de transição, recebera informações de todos os ramos do governo norte-americano antes da tomada de posse, atafalhando a cabeça com mais informação do que aquela que tinha apreendido durante os seus cinquenta anos. Contudo, apenas uma reunião lhe inspirara um temor divino. Acontecera quando ele, o futuro Presidente e o secretário da Defesa foram informados do procedimento para o lançamento de um ataque nuclear.

Era tão simples que se tornava aterrador. O Presidente tinha apenas de ligar para a Sala de Guerra do Departamento de Defesa, dar os códigos secretos que confirmavam que ele era de facto o Presidente e dar a ordem. Apenas isto. Nenhum procedimento, nenhuma reunião, nenhuma discussão. E ninguém tinha autoridade para dizer que não. Esse era o objetivo. O sistema permanecera inalterado desde a época de Truman, permitindo ao Comandante Supremo responder rapidamente a um ataque maciço ao país.

Mas ninguém previra esta situação. Ou este Comandante Supremo.

— O que é que devemos fazer, senhor? — A voz da mulher parecia trémula.

Kassian já tinha descido as escadas. Os seus movimentos alertaram a equipa de segurança que vigiava a sua casa. O líder da equipa estava de pé perto da porta da frente. Com a mão direita, Kassian imitou o gesto de conduzir. Eles dirigiram-se para o carro.

— Ele tem os códigos? O assessor militar deu-lhe os códigos?

— Tentou não dar, senhor. Adiou o máximo que pôde.

— Mas ele tem-nos?

— O Presidente deitou-lhe as mãos ao pescoço e ameaçou estrangulá-lo.

— OK. OK.

Kassian olhou pela janela e viu uma Alexandria adormecida passar rapidamente. Mesmo àquela velocidade conseguia distinguir as tabuletas que tinham brotado pelos relvados daquela cidade e — em alguns locais — de todo o país. *Não é o meu Presidente.*

— Já telefonou ao Jim? Ao secretário Bruton? Já lhe ligou?

— Estão a falar com ele neste momento, senhor.

— OK. Entretanto, tem de dizer ao Presidente que o procedimento para a tomada dessa decisão requer a presença do secretário Bruton e a minha. Há uma sequência que tem de ser seguida.

— Mas isso...

— Diga-lhe isso.

— Quer que lhe passe o telefone, senhor?

Kassian avaliou a situação. O instinto dizia-lhe que aquilo não iria resultar. O Presidente não acataria se fosse ele a dizê-lo. Um militar — neutral, anónimo — teria mais hipóteses: havia a possibilidade de ele ouvir as suas palavras como a resposta de um sistema, de uma máquina, sem nenhuma hostilidade inerente para com ele, sem favoritismos. Até agora, aquela tinha provado ser a melhor maneira de o travar.

— Não, eu falo com ele quando chegar.

— Mas pode não chegar a tempo.

Kassian lembrou-se do que a filha do Presidente dissera sobre o pai numa entrevista na televisão durante a campanha. “Nunca se diz ‘Não’. Diz-se, ‘Sim, mas talvez não agora.’” O entrevistador rira-se, dizendo na brincadeira que era quase como lidar com uma criança pequena. A filha rira-se também, e respondera, “Usamos aquilo que resultar, certo?”

— Muito bem. Diga-lhe que falou connosco. Que o apoiamos e que

queremos estar ao lado dele. E que a melhor maneira de assegurar que esta decisão não se volta contra ele é se ele esperar por mim e pelo secretário Bruton.

Ouviu o som de pancadas. Podia ter sido um punho a bater numa mesa ou uma porta a bater, Kassian não tinha a certeza. Ele esperava que fosse a última hipótese. Talvez o Presidente tivesse saído frustado da Sala de Crise por ver a sua vontade contrariada. Talvez se fosse deitar ou ver televisão. O homem quase não dormia.

Mas depois a oficial falou novamente.

— Passaram-lhe a chamada, senhor. Neste momento, ele está a falar com a Sala de Guerra do Pentágono.

Kassian sentiu as entranhas a revolverem-se. Meu Deus, o que é que este homem está prestes a fazer?

Ele desligou a chamada e apressou-se a fazer outra, ligou para o telemóvel de Jim Bruton. Tinha dificuldade em premir os botões, as mãos tremiam-lhe. Enquanto levava o telefone ao ouvido, a única coisa em que conseguia pensar era nas palavras daquela reunião, talvez três dias antes da tomada de posse do Presidente. *Sob o seu comando, senhor, estarão milhares de armas, cada uma delas é dez ou vinte vezes mais letal do que a bomba de Hiroxima... A retaliação por parte do inimigo será automática, rápida e devastadora. A combinação de um ataque inicial por parte dos Estados Unidos e o contra-ataque por parte do inimigo provocarão a morte a centenas de milhões de pessoas numa questão de horas... Sim, senhor, nós fizemos uma previsão, o nosso cenário mais conservador prevê uma catástrofe global que conduzirá à extinção da própria civilização... Se assim o ordenar, oitocentas e cinquenta ogivas nucleares serão lançadas num espaço de quinze minutos... Não, senhor. Assim que a ordem for dada não pode ser travada nem revogada, não há forma de voltar atrás.*

Sinal de ocupado. Tentou novamente. Até que por fim ouviu aquela distinta pronúncia do Louisiana, a única voz em Washington em que ele confiava verdadeiramente, a voz que ouviu em inúmeros momentos de perigo mortal — embora nenhum tão aterrador como este.

— Bob, és tu?

— Jim, graças a Deus. Ouve, tens de mobilizar a Sala de Guerra imediatamente, antes que ele o faça. Tens de lhes dizer...

— Já o fiz. Já lhes disse que têm de o enrolar.

— Como?



— Estão a dizer-lhe que há um problema no sistema de comunicação dos satélites. Não conseguem comunicar com os submarinos.

— Ele não vai acreditar nisso.

— Que outra opção é que temos? Está completamente alucinado, furioso e a gritar. — Bruton baixou o tom de voz. — Ele vai lixar-nos a todos, Bob. Tens noção disso? Diz que quer a opção B.

— Que opção é essa? — Kassian lembrou-se, como é que se podia esquecer, do “livro preto”, transportado pelo assessor militar pessoal do Presidente, o assessor que o acompanhava constantemente, que lhe mostrava a lista das opções, as diferentes listas de alvos. Ele simplesmente não conseguia-se recordar de qual era a opção.

— Coreia do Norte e China.

— Virgem Santíssima.

— E vai fazê-lo nos próximos sessenta segundos. Assim que o pobre desgraçado na Sala de Guerra ficar sem desculpas para dar.

— Tens de lhe dizer que é uma ordem ilegal.

— O que é que disseste?

— Liga para a Sala de Guerra. Diz-lhes que eles são *obrigados* a desobedecer a uma ordem ilegal.

— Mas isso é mentira. Sabes que ele tem autoridade total e absoluta. Ele pode fazer o que lhe der na real gana. Não podem impedi-lo, os chefes do Estado-Maior não podem impedi-lo, o Congresso não pode impedi-lo. Este é o espetáculo *dele*. A cem por cento.

— Sim, mas eles só têm de obedecer a uma ordem se ela for constitucional.

— O que é que isso significa?

— Significa que o Comandante Supremo tem de acreditar que está a defender o país de um ataque real ou iminente.

— Bom, talvez ele acredite nisso.

— É uma guerra de *palavras*, Jim. *Palavras* proferidas há cinco dias. Nenhuma pessoa razoável pode dizer que estamos sob ameaça *de um ataque*.

— Mas o problema é esse. Ele não é...

— Bom, diz aos teus homens que este é o teste que têm de fazer. Na verdade, eles não têm de tomar nenhuma decisão. Tu estás a dizer-lhes. Esta é uma ordem ilegal.

— Isso não funciona assim. Ele é o Comandante Supremo, ele...

— Não temos tempo para o raio de um debate, Jim. Diz-lhes. Ou lhes dizes ou morremos todos.

Desligou. E quando o seu carro curvou para a Avenida Pensilvânia, Bob Kassian fechou os olhos e, pela primeira vez desde que era criança, rezou.

## C A P Í T U L O 2

*Casa Branca, segunda-feira, 08:45*

— **M**as o que raio é isto?  
Maggie Costello estava na antecâmara do gabinete, onde a assistente pessoal do seu chefe e outras duas pessoas trabalhavam. Tinha acabado de reparar naquilo pendurado na parede do fundo. Mesmo por trás da cabeça da secretária, ao lado dos retratos dos antigos titulares do cargo daquele conceituado gabinete — o Conselho da Casa Branca —, estava um calendário. Não era igual ao que habitualmente se via nos edifícios estatais de Washington, que mostravam paisagens espetaculares da natureza americana, mas sim do género que se via numa oficina. A imagem daquele mês, maio, mostrava uma mulher de gatas, vestida apenas com uma reduzidíssima parte de baixo de um biquíni, a olhar para a câmara, com a boca aberta, a língua visível.

A assistente pessoal, uma mulher negra nos seus cinquenta anos, encolheu os ombros resignada.

— A sério, Eleanor, quem é que pendurou aquilo ali?

A assistente pessoal franziu a testa para Maggie, numa expressão que dizia, *Não me arranjes problemas*.

Maggie inclinou-se para a frente e baixou o tom de voz até se tornar um sussurro.

— Eu não digo a ninguém.

Eleanor olhou por cima do ombro e disse:

— Ordens do Sr. McNamara. Pô-los por toda a Ala Oeste. Disse que já

estava na altura de este lugar ter contacto com os trabalhadores americanos. Já estava na altura de se parecer com um local de trabalho americano normal.

— Não estás a brincar, pois não?

A mulher abanou a cabeça.

Maggie inclinou-se, esticou-se por cima do ombro de Eleanor e, com apenas um movimento, arrancou o calendário. Depois rasgou o papel grosso, uma, duas vezes, e dirigiu-se ao caixote do lixo. O hábito fê-la procurar o caixote verde para o papel.

— Já não fazemos reciclagem, Maggie. Ele também se livrou disso. “Não se chama Casa Verde das Mariquices. Chama-se Casa Branca.”

— Ele disse isso?

— Hum, hum.

Maggie deitou os restos do calendário de fatos de banho no único caixote do lixo e marchou para o seu gabinete, batendo com a porta atrás de si.

Ela devia queixar-se ao seu chefe nominal, o homem que tinha o título de conselheiro, mas ele era um titular do cargo ausente, era um amigo do Presidente que tinha atuado como seu advogado pessoal num caso de falência e que fora recompensado com um «tacho» na Casa Branca. Maggie vira-o apenas uma vez, numa festa para comemorar a sua nomeação; desde essa altura que não era visto na Casa Branca.

Pegou no telefone e enviou uma mensagem a Richard. *Que raios é que estamos a fazer aqui?*

Antigamente, haveria dezenas de mulheres, em todos os departamentos, que teriam feito o que ela acabara de fazer, ou que a teriam apoiado. Mas agora, naquele departamento, só estavam ela e Eleanor. Os restantes eram todos homens, quase todos brancos. E aquele padrão era recorrente por toda a Casa Branca.

Poucos segundos depois, ele respondeu. *Estou com o pessoal da Câmara de Comércio. Falamos logo à noite?*

Ela atirou o telefone para cima da mesa, deixando-o colidir com uma fotografia que ainda mantinha, dela e do anterior Presidente — um pequeno gesto de rebeldia nesta nova era. Naquele momento, apetecia-lhe amaldiçoar aquele homem. Era, em parte, por culpa dele que ela ainda ali estava.

— Ouve, Maggie — dissera ele. — Eu sei o que é que pensas do meu sucessor...

Mas ela não o deixara terminar.

— Está a ver, nem sequer isso consigo tolerar. *O meu sucessor.* Como

é que pode dizer isso como se isto fosse normal? Isto não é normal. Ele é um mentiroso, um tralfulha e um faccioso e nem sequer se devia aproximar deste lugar.

O Presidente cessante foi complacente para com ela, como sempre fora.

— Maggie, tu és uma mulher muito entusiasta. Por isso é que serviste esta Administração, e a mim, tão bem. Mas o povo pronunciou-se. Ele vai ser o meu Presidente, e também deverá ser o teu.

— Mas ninguém lhe está a dizer para ficar e continuar a trabalhar aqui.

— Não sei se pertença à demografia certa. — Ele sorriu.

— Exatamente. Esse é outro motivo. São todos homens brancos. Centenas deles. Todos nomeados por ele. É como se houvesse milhões e milhões de pessoas que ele nem sequer vê.

— Por isso, se ficares podes ajudar a equilibrar um pouco os números. Mulher, natural de Dublin. Matas logo dois coelhos com uma cajadada.

— Mas...

— Isto não lhe diz respeito só a ele, Maggie. Tal como nunca me disse respeito só a mim. Diz respeito ao país. Tens de te assegurar de que continua tudo a correr sobre rodas.

— Claro, para ele se estampar logo na primeira curva. Além disso, que trabalho é que eu podia fazer para ele? Ex-funcionária da ONU, ex-negociadora de paz, *mulher*, não tenho propriamente o perfil que ele mais valoriza, pois não?

— Podes fazer para ele o mesmo trabalho que fizeste para mim. Solucionadora-chefe. A mulher que sabe como chegar ao fundo de qualquer crise e solucioná-la.

— Mas isso requer *confiança*.

— Eu sei, Maggie.

— O senhor confiava em mim e eu confiava em si. Totalmente.

— Eu sei, e isso significa muito para mim. Mas vais encontrar uma forma. Como fazes sempre.

Maggie olhou para a fotografia, admirando-se com a ingenuidade do seu antigo eu. Até há um ano nunca teria acreditado que aquilo fosse possível. Nem ela, nem ninguém.

Então sentiu-a, aquela familiar pontada de culpa, e com ela a náusea que a acompanhava. Parecia surgir de um lugar específico, um lugar de repulsa no fundo das suas entranhas. Se ao menos ela não tivesse...

Numa tentativa para afastar aquele terrível pensamento da sua mente,

escreveu outra mensagem a Richard. *Quão cedo consegues sair? Jantamos em minha casa. Preciso mesmo...*

Mas antes que terminasse de escrever, a porta do seu gabinete abriu-se. Ela ouviu-o antes de o ver.

— Estás decente?

Crawford “Mac” McNamara, conselheiro sénior do Presidente. Se Maggie e todos os outros não-partidários que tinham ficado a trabalhar na Casa Branca se dedicavam a manter tudo sobre rodas, McNamara era o homem que decidia a rota. Até mesmo Bob Kassian, o chefe de gabinete nominal, era apenas um burocrata comparado com McNamara. No sistema solar da Casa Branca, apenas uma outra estrela brilhava com mais intensidade.

Era óbvio que Maggie estava vários degraus abaixo dele; até mesmo durante a presidência anterior, o seu título oficial nunca refletiu o seu verdadeiro estatuto, o que de acordo com as regras da velha Washington queria dizer que um homem com aquela posição nunca se dignaria a dirigir-lhe duas palavras, quanto mais dirigir-se ao *seu* gabinete para falar com ela. Mas McNamara era o autoproclamado fora da lei, o feiticeiro que tinha rasgado o livro das regras de Washington para conseguir eleger Presidente o seu homem. O protocolo podia ser ignorado. Os memorandos eram para os imbecis, as atas de reuniões eram para os idiotas. Como alternativa, patrulhava a Ala Oeste todos os dias, entrando em qualquer gabinete que queria, quando queria. A Sala Oval não era exceção. A primeira coisa que McNamara fazia de manhã era encontrar-se com o Presidente, e era também a última coisa que fazia à noite, ele era a voz todo-poderosa no ouvido do Presidente.

E esta também não era primeira vez que vinha ver Maggie. “Não é óbvio?”, dissera Richard, quando tinham falado sobre aquele assunto na outra noite enquanto jantavam a comida chinesa que tinham ido buscar. “És a mulher mais atraente do gabinete e ele está... intrigado. Eu sentir-me-ia lisonjeado.”

A resposta de Maggie tinha sido concisa: *Ugh*. E agora aqui estava ele, um homem de meia-idade, mas que vestia calções *cargo*, com grandes bolsos quadrados, e uma *T-shirt* dos Linkin Park. Usava meias mas não calçava sapatos. Era quase completamente careca.

— Já viste o jornal de hoje, Costello?

Atirou uma cópia do *Washington Post* que aterrou mesmo em frente dela. Estava aberto numa notícia sobre uma nova sondagem que confirmava que o país estava “mais dividido do que nunca desde a guerra civil”.

— Porque é que me está a mostrar isto, Sr. McNamara?

— Oh, alguém deixou entrar o meu pai? *Senhor* McNamara? Quem é esse? É *Mac*, Maggie, *Mac*. Pensei que vocês liberais apreciavam a informalidade no local de trabalho.

Ele fez um gesto afetado e esganiçou a voz.

— Oh, somos todos *iguais*. Trate-me da *mesma forma*.

Ela lembrou-se do que tinha acordado com Richard. Que talvez pudessem mitigar os efeitos desta presidência, por pouco que fosse, por estarem ali, no seu interior. Tinham o dever de fazer a diferença, se conseguissem. Naquele instante, ela fez esse voto novamente.

— Em que é que posso ajudá-lo, senhor... Mac?

— Vê o jornal, Maggie.

— “Os primeiros estados implementam o registo de muçulmanos. Arizona e Texas testam novo projeto...”

— Não é essa notícia. É aquela que assinalei ao lado. Repara na percentagem da nossa popularidade na faixa etária entre os dezoito e os vinte e quatro anos.

— Vinte e três por cento aprovam, setenta e quatro por cento desaprovam e três por cento não sabem.

— Exatamente. No mês passado eram vinte e dois por cento, este mês passou para vinte e três. Os jovens estão a voltar-se para nós, Maggie, eu consigo *senti-lo*.

E com aquela afirmação atirou a cabeça para trás e desatou a cantar a sua própria versão do clássico de David Bowie.

“*Allllllt-Right, we are the young Americans!*” Enquanto repetia a frase, rodopiou lentamente com os olhos fechados, a cabeça a acenar — um cantor de *rock* de meia-idade no palco de uma digressão nostálgica.

Maggie não disse nada.

— OK, apanhaste-me. Não foi por causa disso que vim aqui.

— Se foi por causa do calendário, nem pense que aquilo vai voltar para a parede.

— Reparei que a adorável Miss Maio está desaparecida em combate. És a reponsável por isso? Ainda estás nessa, na onda do protesto estudantil?

— De acordo com a definição legal de assédio sexual, o simples facto de pendurar aquilo na parede é considerado como criação de um ambiente hostil.

Ele sorriu e abanou a cabeça.

— Nenhum de vocês compreende, pois não? Nem sequer um pouco.

Não percebem que foi por isso que o povo elegeu o grandalhão em novembro passado? Quer dizer, também ajudou o facto de o oponente dele ter posto em risco a segurança nacional ao usar um telefone que não era seguro.

Maggie revirou os olhos.

— Mas a razão principal foi *precisamente* este tipo de tretas. Porque as pessoas estavam fartas até à ponta dos cabelos de meninas melindrosas a declamarem constantemente lérias como “ambiente hostil”.

Ele fez as aspas com os dedos, proferindo a frase num tom de voz esganado acompanhado por um balançar de ancas efeminado.

— As pessoas estão fartas que lhes digam que ser um homem branco normal, de sangue quente, é um crime federal.

— Tenho a certeza de que não veio até aqui para reviver a campanha eleitoral, Mac.

— Não, mas acontece que é tudo relevante.

McNamara puxou uma cadeira, sentou-se e colocou os pés sem sapatos, com apenas as meias calçadas, em cima da secretária dela. Maggie retraiu-se.

— O que se passa é isto — disse ele —, preciso que faças desaparecer uma coisa.

Maggie levantou as sobancelhas.

— Surgiu durante a campanha e agora está prestes a surgir novamente.

Maggie continuou sem dizer nada. Não via motivo para lhe facilitar a vida. Finalmente, ele baixou a voz.

— Acho que vocês aqui em Washington lhe chamam uma “propagação de doidivas”.

Maggie fez uma pausa.

— Quer dizer que o Presidente tem tido casos extraconjugais?

— Não! — Mac sorriu. — *Casos*, não. Nada que se possa considerar um caso.

— Ah, está a referir-se a agressões sexuais. A apalpar mulheres ao acaso.

— Estou a referir-me a *acusações* dessas.

— Há mais acusadoras a darem a cara? Pessoas do passado que aleguem que...

— É mais ou menos isso.

— Ah, não são só do passado? Do *presente*. Aqui? Neste local? Pelo amor de Deus, Mac, afastaram o último homem que teve uma situação idêntica.



— Oh, não estou preocupado com *isso*. Os líderes da Câmara dos Representantes andam a lamber-nos o traseiro. Com muito entusiasmo.

Maggie esforçou-se por não mostrar qualquer expressão. Sabia que ele estava à procura de uma reação da parte dela, mas raios a partissem se lhe ia fazer a vontade. Ele continuou:

— Nenhum deles vai atrever-se a fazer seja o que for em relação a isto. Lembra-te de que ele tem mais apoiantes nos círculos eleitorais deles do que eles próprios. Mas é uma distração. Preciso que faças isto desaparecer.

— Parece que isso é um assunto para o advogado pessoal dele.

— Não. Ele agora é o Presidente. Se o atacarem, é como um ataque à própria presidência.

— Não é bem assim...

— Além disso, és a pessoa certa para isto.

Ele começou a pôr-se de pé. Antes que Maggie tivesse oportunidade de lhe perguntar o que é que ele queria dizer, ele olhou para ela maliciosamente e disse:

— Tens o equipamento certo.

Ele fechou a porta atrás de si, dando oportunidade a Maggie para afundar a cabeça entre as mãos. Precisava de ver Richard.

Só namoravam há alguns meses, mas tendo em conta a quantidade de velhos amigos que tinham deixado a Casa Branca, ele tornara-se o seu confidente por defeito. Era três anos mais novo do que ela e absurdamente atraente — era um daqueles homens de Washington que conseguiam ir correr ainda antes da sua primeira reunião, não importava quão cedo esta fosse realizada —, estava muito longe do seu tipo habitual. Nomeado durante a transição, ainda assim tinha compartilhado com ela as suas dúvidas sobre se seria sensato servir a nova Administração. Juntamente com o antigo Presidente, Richard Parris tinha tido uma grande influência na sua decisão de se manter no cargo. “Maggie, se estivermos do lado de fora, não poderemos fazer nada. Imagina como nos sentiríamos culpados se vissemos acontecer alguma coisa horrível e pudéssemos fazer algo — qualquer coisa — para o prevenir.”

Ao princípio, Richard não compreendia muito bem porque é que aquele argumento a tinha afetado tão profundamente. Havia um motivo, mas ela tentava ocultá-lo de Richard da mesma maneira que o ocultava de todos os outros. Finalmente, uma noite, quando estavam deitados, ela cedeu e contou-lhe. Só de pensar nisso naquele momento levou a que tudo viesse à tona: um sentimento de culpa tão vívido que era quase físico, flutuando até

à superfície como uma rolha. Ela voltou a afastá-lo, uma manobra psicológica que executava uma dúzia de vezes por dia.

Desceu as escadas para ir procurá-lo, para sugerir que dessem um passeio. Precisava de desabafar. Começou a ensaiar o discurso que faria. *Nós não estamos a suavizar o golpe, Richard. Estamos a legitimá-lo. Para eles, não passamos de meros figurantes. Não vim para Washington para ajudar um abusador de mulheres a escapar impune. Não foi por esse motivo...*

Mas a sua linha de pensamento foi interrompida. Tinha acabado de contornar a esquina quando viu um grupo a sair da Sala Oval. Richard estava entre eles — estranho, para alguém com o seu estatuto —, mas não reparou nela. Ao invés estava entretido a rir e a brincar com a única mulher do grupo, que podia ser reconhecida imediatamente apenas pelo cabelo. Espesso e lustroso, brilhava de saúde. Era impossível confundi-la.

Naquele momento, Richard mostrava o seu telefone à mulher, provocando um sorriso caloroso e um gesto recíproco quando ela lhe mostrou o seu. Os rostos deles — jovens e deslumbrantes, quando olharam na direção de Maggie — pareciam brilhar com a luz dos telefones. Era óbvio. O seu namorado estava a namoriscar com a filha do Presidente.

## C A P Í T U L O 3

*Nova Iorque, segunda-feira, 09:20*

Não ter nenhum carisma tinha as suas vantagens, pensou Bob Kassian. Sentado na classe executiva do avião para Nova Iorque, apenas um agente dos Serviços Secretos sentado a seu lado, poucas pessoas o tinham incomodado. Um par de viajantes mostrou-lhe os polegares. Uma repórter da Fox tinha tentado entrevistá-lo ao pé da porta de embarque, mas Kassian dera respostas tão curtas e monossilábicas — no seu tom de voz baixo e praticamente inaudível — que a mulher rapidamente desistiu. Quanto aos restantes, pensou que simplesmente não o tinham reconhecido. Ele não participava nos programas de debates de domingo, fazia poucos discursos. E estava tudo bem assim.

Principalmente esta manhã. Ele teria tido dificuldade em posar sorridente para as fotografias com os apoiantes com os seus bonés da cor politicamente correta. Como eles reverenciavam o seu chefe. Se soubessem o que ele sabia, se tivessem visto o que ele vira há poucas horas. (Um pensamento terrível emergiu: talvez não fizesse diferença. Nada parecia abalar a devoção deles por este homem.)

Pela milésima vez perguntava-se se o que fizera era o mais correto. Ele era um operacional dos bastidores, nunca fora um partidário empenhado. Tinha-se juntado ao grupo apenas porque eram seus amigos ou faziam parte da sua lista de contactos. Tinha construído a reputação de um homem que conseguia tratar dos assuntos — dos grandes assuntos — de forma tranquila. Depois de sair do exército, toda a gente lhe disse que este tipo

de competência lhe podia render uma fortuna. Estavam certos. Foi para Nova Iorque, para uma das grandes empresas financeiras, e pagaram-lhe remunerações que nunca tinha imaginado. Porém, sentia falta daquilo que adorava no exército: propósito. A política parecia-lhe uma segunda escolha apropriada.

E quanto a este cargo? Sabia o que é que estava por detrás da oferta: seria apresentado como o adulto responsável da equipa, a sua tranquila presença tecnocrática era uma garantia para os membros inquietos do partido. Podia parecer antiquado, mas sentira que era o seu dever patriótico aceitar o cargo. Se não o tivesse feito, de certeza que um dos loucos o faria. E, a partir de dentro, talvez pudesse atuar como uma influência controladora, a refrear um Presidente que caso contrário daria ouvidos aos extremistas frenéticos liderados por Crawford McNamara, que claramente tinha a atenção do Comandante Supremo.

Viajando agora no banco de trás do carro que o transportava para Manhattan, fechou os olhos, agradecido por estar protegido, embora fosse por pouco tempo.

De alguma forma tinham sobrevivido. O sol tinha-se erguido, o céu não tinha caído. A civilização não tinha acabado. Não se podia congratular a si próprio nem ao seu aliado mais próximo, Jim Bruton, por esse facto. Não fora a intervenção deles que impedira o Presidente de dar a ordem.

A verdade é que ele estivera prestes a fazê-lo. O Presidente tinha sido posto em contacto com o coronel na Sala de Guerra do Pentágono, que tinha, de acordo com o procedimento, enunciado o código de identificação: Echo Bravo, ou lá o que era. O Presidente tinha respondido, dando os códigos que confirmavam a sua identidade: retorquindo Delta Zulu. Depois anunciou à Sala de Guerra a sua decisão, explicando que da lista de opções de ataque a sua decisão recaía sobre a opção B.

Nessa altura — e louvado seja pelo seu esforço —, o coronel tinha sugerido que o Presidente poderia querer reconsiderar a sua escolha *à la carte* nesta situação bastante invulgar. Isto porque os Estados Unidos não estavam sob ataque, o único cenário para o qual qualquer pessoa tinha sido treinada ou preparada. Boa jogada da parte do coronel: pedir um “prato” especial levaria horas ou dias. Aquilo tinha dado a Kastian e aos outros o que precisavam: tempo. Mas o Presidente estava irredutível. Opção B. Agora.

Aparentemente, naquela altura instalou-se uma quietude na sala. Até

a cólera do Presidente tinha acalmado por breves instantes. O coronel viu-se para a equipa na Sala de Guerra e fez o sinal. Eles começaram a introduzir a “mensagem de ação de emergência” que libertaria as forças que levariam a cabo a escolha do Presidente — as bombas que teriam destruído o mundo. A tarefa demoraria cerca de um minuto.

No entanto, ao fim de cerca de quinze segundos, um jovem analista de informações pediu ao coronel para aguardar. Ele tinha visto um relatório sobre uma nova declaração de Pyongyang, aparentemente a retratar-se da anterior que tanto tinha ofendido o Presidente. Tinha acabado de chegar.

A linha que ligava o Pentágono à Casa Branca ainda estava aberta e o coronel disse:

— Senhor Presidente, temos razões para crer que os norte-coreanos se retrataram.

— O que é que está a dizer?

— Senhor, eles capitularam completamente. Uma desculpa miserável.

— Tem a certeza?

— Sim, é a informação que temos, senhor.

— OK.

Faltavam vinte segundos para a mensagem de ação ser transmitida.

— Isso quer dizer que deseja abortar a ordem, senhor?

— O que é que a Coreia do Norte disse exatamente?

— Senhor, temos dez segundos para decidir. Devo abortar a ordem?

— Eles que se lixem.

— Senhor?

— Está bem, está bem. Abortar.

E foi assim que conseguiram evitar o Armagedão. Um analista atento pode muito bem ter salvado o mundo. Mais perspicaz e criativo do que atento, como se comprovou depois. Jim Bruton chegou ao Pentágono poucos minutos depois, onde o coronel de serviço lhe disse discretamente que a supostamente miserável declaração da Coreia do Norte, emitida fortuitamente poucos segundos antes de o gatilho ser premido, era mais um desejo do que a realidade. O analista tinha interpretado bem a situação, compreendendo imediatamente que o seu comandante e o secretário da Defesa estavam desesperadamente à procura de uma desculpa para adiar o ataque, e ele tinha-lhes dado o que eles precisavam. Com aquele expediente, ele dera a Bruton uma nova dor de cabeça — agora tinha de conceber um texto que se assemelhasse plausivelmente a uma retratação por parte de Pyongyang —, mas, tendo em conta o que estava em jogo, aquilo podia ser

desculpado. Jim recomendara imediatamente que o analista e toda a equipa de serviço na Sala de Guerra fossem agraciados com a Medalha de Serviço Superior de Defesa.

Kassian chegara entretanto ao hotel Waldorf Astoria. Sem olhar para a esquerda ou para a direita, caminhara diretamente para os elevadores, deixando o seu agente dos Serviços Secretos abrir caminho, premir o botão e selecionar o andar. Evitando o contacto visual com os hóspedes do hotel, viu a sua imagem refletida no espelho. Ainda tinha bastante cabelo, mas parecia que estava a ficar cada vez mais grisalho a cada dia que passava. Em janeiro ainda tinha o cabelo escuro. Continuava a ser alto, continuava a ser magro. A sua mulher insistia que ele continuava a ser bonito: “Muito bonito, mas não à maneira de Washington”, foi como ela o disse. Mas o que ele via nos seus olhos era algo diferente: um olhar de alarme e de preocupação que começava a ser permanente. O rosto que olhava para ele parecia assombrado.

Saíram no quinto andar e dirigiram-se para a suíte cujo número lhe tinha sido dado. Foram recebidos por uma mulher loira, rechonchuda e calorosa, com quarenta e poucos anos, que se apresentou como a embaixadora sueca nas Nações Unidas. Ela pareceu-lhe inesperadamente maternal.

Houve um ou dois momentos embaraçosos enquanto o agente de Kassian fazia a revista de segurança, incluindo — principalmente — a procura de escutas. Depois, o agente foi apresentado ao seu colega, que fez exatamente o mesmo. Só quando ambos se deram por satisfeitos e acenaram com a cabeça na direção da sua anfitriã sueca é que ela fez um sinal que, um segundo depois, revelou uma porta — presumivelmente de um dos quartos — aberta, através da qual passou um homem que Kassian reconheceu como sendo o embaixador da República Popular da China nas Nações Unidas.

Kassian, ainda de pé, estendeu-lhe a mão, que o diplomata chinês apertou firmemente. Sabia que o homem era apenas um ano mais velho do que ele, tinha cinquenta e um anos. Usava um fato azul liso, uma camisa branco-sujo e uns óculos demasiado grandes a fazerem lembrar a década de setenta. Não havia qualquer intenção em ostentar um estilo *retro-chic*. Eram apenas velhos.

A sua anfitriã fez-lhes um gesto para que se sentassem na sala de estar — dois sofás, uma poltrona, uma mesa de centro — no meio da suíte. Num sotaque que sugeria uma educação dispendiosa em Inglaterra, ela foi a primeira a falar.

— Cavalheiros, como sabem, pediram-nos para disponibilizarmos um espaço onde pudessem conversar de forma que não houvesse registos e o encontro permanecesse totalmente confidencial. O Sr. Kassian sugeriu que se encontrassem aqui em vez de Washington, onde ele suspeitava que fosse difícil manter a discrição, principalmente talvez para ele. — Ela sorriu. — Ele também estava ciente de que, com todo o respeito pelo embaixador da China em Washington, o senhor, Sr. Lei, é extremamente conhecido por ser ainda mais próximo e, atrevo-me a dizer, por ter mais influência junto do governo de Pequim.

Ela fez uma pausa e depois continuou.

— Tenho de sublinhar que a Suécia não tem nenhum interesse próprio em qualquer que seja a questão que vos trouxe aqui hoje, mas devem ter presente o grande e histórico interesse da Suécia em promover a paz no mundo. Se houver algo que possamos fazer para evitar uma guerra, então o meu país fará tudo o que estiver ao seu alcance.

»Repito que tudo o que for dito nesta sala permanecerá confidencial. Nenhuma palavra desta conversa será repetida por nós. Negaremos que este encontro se realizou. Ninguém sabe que aqui estamos. Este quarto está reservado em nome de um empresário sueco. Por acaso, temos alguns.

Aquela tirada cumpriu o seu objetivo e provocou um sorriso nos dois homens.

— Sr. Kassian, foi o senhor que sugeriu que nos encontrássemos aqui. Porque é que não toma a palavra?

— Muito obrigado, embaixadora. E muito obrigado, senhor, por se ter encontrado comigo hoje e tão em cima da hora. Espero que saiba que não teria pedido à nossa amiga em comum — acenou com a cabeça na direção da sueca — para nos juntar aqui hoje se não considerasse tratar-se de assunto da máxima importância.

Zheng Lei olhou para ele impassivelmente.

Kassian olhou para baixo, para as suas mãos, e perguntou-se se iriam começar a tremer novamente.

— Não sei o que é que sabe, se é que sabe alguma coisa, sobre o que se passou ontem à noite na Casa Branca. — O homem à sua frente não respondeu. — Mas vou ser muito franco. Não tenho outra hipótese.

Pigarreou. Tinha pensado naquilo que diria — no avião, no carro —, mas isso não o preparara para a sensação de o verbalizar efetivamente.

— Às primeiras horas desta manhã, o meu país esteve a dez segundos, na verdade, a menos de dez segundos, de lançar um ataque nuclear em

larga escala sobre a República Popular Democrática da Coreia e — ele sentiu a garganta a ficar seca — sobre a República Popular da China.

A embaixadora sueca arquejou ao ouvir aquilo. Um som involuntário e inteiramente genuíno. A sua mão cobria-lhe agora a boca. Kassian continuou.

— O Presidente deu a ordem. A Sala de Guerra do Pentágono levava a cabo o processo de encriptar e comunicar a ordem para os oficiais de controlo do armamento nuclear em todo o mundo, incluindo as equipas de ataque baseadas nas nossas instalações subterrâneas, assim como as que se encontram nos submarinos e a bordo dos nossos bombardeiros no céu, quando a intervenção engenhosa e corajosa de um dos nossos oficiais, no último momento, levou a que a ordem fosse abortada.

O embaixador chinês manteve o olhar fixo na mesa de centro que estava posicionada entre eles. Kassian decidiu interpretar isso como uma espécie de reação: talvez aquele homem tivesse receio de o olhar nos olhos com medo de se trair. Kassian falou novamente.

— O que provocou o ataque foi uma declaração proferida pela República Popular Democrática da Coreia ao início da madrugada do nosso fuso horário. Parece que o Presidente a considerou insultuosa. Passo a citar.

Kassian levou a mão ao bolso interior do seu casaco e desdobrou uma folha de papel.

— “O Partido dos Trabalhadores sabe que em Washington enfrenta um tigre de papel, um cobarde e um homem pequenino. Nós vamos demonstrar a nossa força, pois conhecemos as fraquezas do nosso inimigo.”

Zheng continuava sem dizer uma palavra. Kassian prosseguiu.

— Normalmente, talvez durante as anteriores administrações, tais declarações seriam consideradas retóricas.

Ele julgou ter vislumbrado um pequeno aceno de cabeça da parte do embaixador. Aquilo encorajou-o.

— Mas estes não são tempos normais. Por um lado, a República Popular Democrática da Coreia tem anunciado insistentemente as suas intenções de construir uma arma nuclear com capacidade para atingir a costa oeste dos Estados Unidos. Capaz de atingir Los Angeles. A nossa inteligência alvitrou que a República Popular Democrática da Coreia já está nessa fase, ou perto.

»No entanto, há outro motivo mais, como é que posso explicar isto?, *premente* que leva a que estes tempos não sejam normais. O líder do meu país não



é um político. E também não é militar. Ele ouviu declarações como esta — ele levantou a folha de papel — da mesma forma que um jovem as pode ouvir num bar.

Não tinha planeado dizer aquilo, perguntou-se se não teria cometido um erro.

— Ele ouviu-as como uma provocação. Acredita que está a ser desafiado para mostrar que os norte-coreanos estão enganados.

Naquela altura, Zheng levantou-se, preparando-se para falar. Kassian não sabia se aquilo significava que tinha sido bem-sucedido ou se tinha falhado.

— Sr. Kassian, é um estudioso de História? — O seu inglês era irrepreensível.

— Desculpe?

— O seu *curriculum* diz-me que estudou Humanidades em Princeton, mas não me diz se estudou História.

— Alguma.

— Entendo. Bom, eu sou um estudioso de História. Na realidade, a minha área de especialidade é a História deste país. Principalmente o último século. Tenho grande interesse na presidência de Richard Nixon. A minha tese de mestrado versou sobre a relação do Sr. Nixon com a Ásia.

— Compreendo.

— Sabe porque é que mencionei este assunto?

— Tenho a sensação de que está prestes a dizer-me.

— Porque o Sr. Nixon tinha o cuidado de fazer que os seus assessores mais próximos, principalmente o Dr. Kissinger, viajassem pelo mundo e avisassem toda a gente de que o chefe deles era louco. — Sorriu ao dizer aquela frase. — Louco! Desvairado! Nixon não se ofendia. Ele encorajava-o. Queria assustar os inimigos da América. “A América tem estas bombas todas, e Nixon é suficientemente louco para as usar!”

— E julga que é isso que estou a fazer?

— A História não se repete, Sr. Kassian, mas por vezes rima.

O americano deu por si a olhar para a embaixadora sueca em jeito de apelo. Ela acenou com a cabeça, mas apenas para o encorajar a responder, porque não iria tomar nenhum partido.

— Sr. Lei, corri um grande risco ao vir aqui esta manhã. O meu Presidente não sabe que estou aqui. Eu seria despedido se ele soubesse. Posso assegurar-lhe de que não estou aqui por ordem dele.

— Então porque é que está aqui?

— Estou aqui porque estou assustado. — Aquelas palavras surpreenderam Kassian tanto como surpreenderam os outros dois, talvez mais. — Acho que não compreendeu aquilo que lhe disse. Esta manhã, o seu vizinho esteve a sete ou oito segundos de ser varrido do mapa e o seu país a poucos segundos de ser atingido por um bombardeamento nuclear. Todas as pessoas daquele país teriam sido mortas, juntamente com milhões dos seus compatriotas. Crianças. Famílias. Talvez a sua própria família. — Kassian julgou ter visto uma sombra atravessar o rosto de Zheng. — Isto não é uma tática. Não é um jogo. Isto é um assunto muito sério.

— Sr. Kassian...

— Não. Ouça-me. Estou a avisá-lo porque penso... não, eu *tenho a certeza* de que isto pode terminar numa catástrofe. Para o planeta inteiro. Ele está pronto para o fazer. Ele *fê-lo*. Ele deu a ordem.

— Então porque é que não aconteceu?

— Encontrámos uma forma de o parar.

— Como?

Kassian lançou um olhar envergonhado na direção da sueca. Sem querer, ouviu o seu tom de voz baixar.

— Dissemos-lhe que a República Popular Democrática da Coreia se tinha retratado da declaração.

— Compreendo.

— Era a única forma.

— Então agora precisa que o meu país use a sua influência junto da República Popular Democrática para os persuadir a darem cobertura à mentira que contaram para impedirem que o “doido” do vosso Presidente rebentasse com o mundo?

— Em resumo é isso, sim. E os norte-coreanos têm de o fazer rapidamente. Também têm de o pré-datar de alguma forma, para que pareça que emitiram a declaração por volta das três e quarenta e cinco da costa leste.

Kassian hesitou antes de fazer o seu último pedido. Em parte porque teve receio de poder estar a pedir demasiado, mas também porque se perguntou se seria necessário. Por estes dias, provavelmente podia-se falsificar impunemente um registo: nesta era em que toda a gente estava pronta para gritar “notícias falsas” por dá cá aquela palha, quem é que iria saber ou importar-se? Não o Presidente, que não prestava qualquer atenção aos detalhes e que mal lia os jornais que lhe punham à frente.

Mas Kassian sabia que aquela história não se iria aguentar. Crawford McNamara, por exemplo, afundava-se nos detalhes e era muito diligente na leitura dos documentos. Como fornecedor-mestre de notícias falsas, raramente se deixava enganar por elas.

— Não vai ser fácil, Sr. Kassian. Os norte-coreanos são um povo muito orgulhoso. Eles orgulham-se do seu desafio ao tirano americano. Não vão ajoelhar-se.

— Ninguém está a pedir que se ajoelhem, Sr. Zheng. Apenas um texto que nos permita...

— Parece estar a esquecer-se de algo, Sr. Kassian.

— Do quê?

— De que a Coreia do Norte e os Estados Unidos agora têm algo em comum. Ambas as nações são governadas por homens muito imprevisíveis, com os nervos à flor da pele.

Kassian acenou com a cabeça. Sabia que não era boa diplomacia aparentar que estava a concordar com uma crítica ao seu próprio líder, mas não conseguiu evitá-lo. Além disso, pareceu ter dado frutos. Zheng falou novamente.

— No entanto, agradeço-lhe a abordagem que me fez. Vou ver o que pode ser feito.

Kassian esperava conseguir disfarçar o seu alívio.

— Agradeço-lhe, Sr. Zheng, mas receio ter algo mais para lhe pedir.

O embaixador não respondeu.

— A verdade é que enquanto a República Popular Democrática da Coreia for liderada por este homem, a sua presença vai irritar o Presidente que eu sirvo. Pode dizer que é injusto ou desproporcionado. Ou até que é irracional. Há quem concorde consigo, mas é um facto. Enquanto a Coreia do Norte for liderada pelo seu atual governante, continuará a existir grande perigo. É claro que o risco é maior para a República Popular Democrática da Coreia, mas a China também está mortalmente ameaçada. Ontem à noite, ele podia ter optado por atacar apenas a Coreia do Norte. Mas a sua ordem foi para se atacar também a China. Enquanto aquele regime estiver no poder, o seu país corre um grande perigo. O mundo todo corre um grande perigo.

— Está a pedir que a República Popular da China derrube o líder da República Popular Democrática da Coreia? Está a falar a sério? É esse o pedido que quer que discuta com o meu governo?

Kassian confirmou que aquele era de facto o seu pedido.

Zheng sorriu e disse:

— Agora tenho a certeza de que está nesta missão sozinho. O seu Departamento de Estado nunca o teria enviado aqui com essa proposta absurda! Isso é uma loucura, Sr. Kassian. Uma completa loucura.

»É óbvio que não iremos fazê-lo. Se derrubássemos o regime da Coreia do Norte, o país entraria em colapso ao fim de uma hora, e ao anoitecer seria inteiramente governado a partir de Seul. O meu país não se esqueceu do que aconteceu à Alemanha em mil novecentos e oitenta e nove. O Muro de Berlim caiu e um dia ou dois depois a Alemanha era um único país novamente, governado pelo Ocidente. Uma Coreia unida seria maravilhoso para a América mas não tanto para a China. Como dizem aqui na América: já vimos esse filme antes, já sabemos como é que acaba!

— Então não podemos contar com a sua ajuda, apesar de eu ter sido honesto consigo e de lhe ter dito que acredito que há o risco de ocorrer um ataque nuclear em larga escala no seu território e no de um vizinho?

Zheng abanou a cabeça.

— Não posso dar-lhe aquilo que quer — pigarreou. — Tenha em mente que Pequim não é assim tão diferente de Washington. Apenas não tem tanta visibilidade. Não há tanta publicidade. Mas também temos desentendimentos. Fações que lutam pelo poder. Se o meu Presidente considerasse fazer o que me pediu, haveria grande oposição da parte de pessoas muito poderosas. Ele correria um grande risco. Por isso não posso dar-lhe aquilo que me pede.

— Sinto muito ouvir isso.

— Mas posso dar-lhe outra coisa.

— O quê?

— Tempo.

— Não estou a perceber.

O diplomata chinês tirou os seus óculos, esfregou os olhos e voltou a pôr os óculos.

— Disse que tenho alguma influência no círculo governamental do meu país, e, posso dizer com alguma modéstia, talvez tenha razão. Assim, isto é o que posso prometer-lhe. Vamos dar-vos cinco dias para resolverem o problema que têm com o vosso Presidente. Durante esses cinco dias, a República Popular da China vai — fez uma pausa, à procura da palavra indicada — *refrear* os ímpetos dos nossos amigos da Coreia do Norte. Mas depois desses cinco dias já não posso oferecer

garantias. Por conseguinte, se o jovem líder de Pyongyang voltar a ser provocado, terá o direito de responder com grande violência.

»Estamos de acordo que seria um enorme desastre para todos nós, mas é assim que tem de ser feito. Repito, têm cinco dias, Sr. Kassian. Espero, para o bem de todos nós, que os use sabiamente.